

Orelha de gaveta a um livro de Franklin de Mattos

VINICIUS DE FIGUEIREDO

PROFESSOR NO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UFPR

Nota sobre esta nota: Na ocasião da preparação de *A cadeia secreta* (2004), de Franklin de Mattos, a Cosac & Naif me consultou sobre fazer a orelha do livro. Estourei o prazo, a orelha ficou na gaveta. Apresento-a agora, como pequena homenagem ao autor e professor, cuja prosa era a própria cadeia secreta.

Para que universo de questões aponta o livro de Franklin de Mattos? Título e subtítulo dão a dica: *cadeia secreta* são os elos da articulação que, sem que o leitor se dê conta, o conduz através da trama de um romance. Movimento paradoxal, pois a liberdade inicial de aventurar-se na história logo dá lugar aos sobressaltos, sofrimentos e viravoltas por que vai passando o leitor, convertido em torcedor e refém dos heróis em cujas desventuras reconhece seu próprio destino.

A vida do espírito, então, também é capaz de sujeitar a razão. Sobretudo caso se admita que o “espiritual” inclui o território sinuoso, mas significante das paixões. Engana-se quem pensa que essa conclusão teve de esperar por Freud e a descoberta de que o inconsciente é um *logos* subterrâneo que, à revelia das racionalizações, comanda o mais das vezes nossas simpatias, valores e crenças. Bem antes disso, como perceberá o leitor destes ensaios, a reflexão e a prática

estética do século XVIII tematizaram a mesma exigência, conforme a qual é preciso ultrapassar o que reluz na superfície da razão rumo ao mundo movediço dos sentimentos. Reunir estes dois níveis, atravessar a fronteira que os separa, a fim de oferecer ao homem um retrato mais condizente com suas contradições – eis o desafio que pautou a elaboração, por parte da inteligência setecentista, de um gênero inédito: o “romance filosófico”.

Até aquele momento, o romance era quase sempre um emaranhado desordenado de fatos frívolos beirando o quimérico. A filosofia, em contrapartida, era o território da demonstração. Franklin de Mattos mostra como essa divisão de trabalhos caduca, quando passamos a admitir, com Montesquieu, que, “com certas verdades, não basta persuadir; é preciso, além disso, fazer sentir”. Eis-nos assim devolvidos, em pleno século das Luzes, à velha questão da relação entre verdade e afetividade – um tema que já havia sido tangenciado por Platão, para quem é impossível conhecermos o bem, sem, ao mesmo tempo, amá-lo e imitá-lo. Com esta diferença decisiva: no século XVIII, o modelo inteligível já não se situa, como quis Platão, no além-mundo das ideias, mas circula no regime intramundano.

Desta reinterpretação da *mimesis* clássica nasce não apenas o realismo do romance moderno. É por referência a ela que Diderot irá ver na imitação romanesca uma forma de conhecimento do homem. Forma privilegiada, pois é uma ação que modifica seu objeto. Quem passa a consumir bons romances bem o sabe: são eles que nos devoram.